

ANÁLISE DO DISCURSO

O COMBATE AO OUTRO NAS PÁGINAS DO JORNAL: DISCURSO MIDIÁTICO E A CONSTRUÇÃO DO “INIMIGO VERMELHO” NO CONTEXTO BRASILEIRO PRÉ-1964.

Pâmella Deusdará (UERJ)
pamellapassos@yahoo.com.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo procura compreender o golpe de 1964, à luz dos acontecimentos que o antecederam, focando a análise no discurso anticomunista que foi paulatinamente produzido e cultivado na sociedade brasileira. Cabe ressaltar que tal discurso permeou a esfera política brasileira durante todo o século XX, não se restringindo a década de 1960. Pois como aponta Motta (2002), ao menos duas grandes ondas anticomunistas podem ser identificadas: uma que se relaciona ao período do Governo Vargas e que antecede o golpe do Estado Novo (1935, p. 37), e outra no início da década de 1960 e que também terá papel de destaque na construção da derrubada de João Goulart em 1964.

A partir de tais colocações, constatamos que, as duas ditaduras que romperam o regime democrático da República brasileira no século XX, tiveram como principal justificativa a ameaça comunista. Trabalhamos com a hipótese de que fortemente difundido pelo discurso anticomunista, o “perigo vermelho” atuou decisivamente na legitimação desses golpes, colocando-os como necessários para a realidade do país.

Para o presente texto decidimos analisar o momento da segunda onda anticomunista, e adotar um recorte temático que privilegia os impactos da Revolução Cubana (1959) na conjuntura brasileira. Compartilhamos da ideia de que o sentimento de medo de uma ‘comunização’ do Brasil intensificou-se, sobretudo, após a Revolução Cubana e o posterior alinhamento de Fidel Castro a Moscou. A partir daí o anticomunismo afiou suas garras, pois, na visão dos anticomunistas, o “inimigo vermelho” agora estava muito perto de casa.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

É de grande importância para nossa pesquisa relembrar o contexto internacional do período estudado, marcado pela aguda bipolaridade trazida pela Guerra Fria, que dividiu o mundo entre capitalismo e comunismo, acirrando as diferenças históricas entre os dois sistemas. O recorte temporal adotado nesse artigo, diz respeito a um momento histórico em que essa “Ameaça Vermelha” não mais se encontra do outro lado do Planeta, no oriente representado pela URSS, e sim bem próximo das terras brasileiras, na Ilha de Cuba.

Como fontes para nossa análise, recorremos a dois jornais de grande circulação, objetivando investigar a forma como foi abordado o processo político cubano, percebendo de que maneira o discurso anticomunista se apropriou desses acontecimentos, produzindo uma determinada leitura de tais fatos históricos, leituras essas que em nossas hipóteses acabaram por contribuir com a produção/legitimação do golpe civil-militar que depôs João Goulart.

No que tange as nossas fontes, selecionamos jornais com filiações políticas distintas: *O Globo* e *A Última Hora*, ambos em suas edições do Rio de Janeiro, pois era este estado que, junto a São Paulo, exercia grande influência sobre a opinião pública da época.

O Globo claramente demonstrava posições favoráveis ao anticomunismo, divulgando, em suas páginas, charges, artigos e reportagens que tinham como objetivo construir uma imagem pejorativa do comunismo. Já *A Última Hora* recorrentemente apresentava em suas páginas uma visão diferente sobre os episódios que diziam respeito ao comunismo, visto que em âmbito nacional, estes eram acusados de esquerdistas e comunistas. É relevante destacar a proximidade presente nos dois jornais, com setores da sociedade ideologicamente distintos. Ou seja, ao fazermos uma análise do próprio histórico de fundação e consolidação destes jornais, percebemos estas vinculações.

O JORNAL COMO CÓRPUS: UM OLHAR ESPECÍFICO

... se a instituição jornalística não funciona sem leitores, e se ela busca atraí-los como consumidores, há que se considerar que todo jornal notícia para segmentos determinados da sociedade, produzindo para uma imagem de leitor suposta a tal segmento. (Mariani, 1998)

ANÁLISE DO DISCURSO

Ao utilizarmos como fontes do estudo dois veículos de comunicação da imprensa brasileira, cremos ser necessário um debate sobre o referido tema. Neste sentido, para uma melhor análise dos jornais *O Globo* e *A Última Hora*, propomos uma breve discussão a cerca do lugar destas empresas midiáticas na história da imprensa brasileira.

A fim de realizar este debate nos referenciamos na obra de Nelson Werneck Sodré (1996) que, ao fazer um vasto estudo sobre esta temática, indo desde a imprensa colonial até a segunda metade do século XX, nos dá elemento para melhor compreender os “direcionamentos” dos jornais pesquisados.

Werneck trabalha com a ideia de que, no Brasil, a grande imprensa desenvolveu-se a partir da década de 30 do século XX. Além disto, o autor afirma que existe um condicionamento do desenvolvimento da imprensa no Brasil, e o desenvolvimento do próprio país no que tange ao processo de industrialização, bem como sua relação com o capital.

Em seu trabalho, Sodré faz um breve histórico do surgimento de diversos jornais, dentre eles, os dois que interessam a nossa pesquisa. *O Globo* é datado de 1925, quando foi fundado por Irineu Marinho, sendo assumido após sua morte, por Roberto Marinho, seu filho. Assim, *O Globo* surge num período de expansão e renovação da imprensa brasileira, bem como no berço de uma “virada” na história política no país.

O Globo tem sua gênese no período em que a imprensa brasileira vivencia sua “profissionalização”, gradativamente as pequenas publicações vão desaparecendo, e algumas, dentre elas *O Globo*, se tornam grandes empresas, formando então um novo cenário da imprensa no país. Ao analisarmos *O Globo* identificamos que este se caracteriza por um viés conservador, defensor das propostas liberais e das classes produtoras, ou ainda, classes dominantes brasileiras.

Este periódico não possui uma vinculação específica com um determinado partido, como no caso do *A Última Hora* que abordaremos a seguir. No entanto, caracteriza-se por um pensamento conservador que dialoga com as três matrizes ideológicas do anticomu-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nismo brasileiro, identificadas por Motta (2002): o catolicismo, o liberalismo e o nacionalismo.

O jornal *A Última Hora*, tem seu surgimento em outro período da história brasileira. Fundado em 1951, *A Última Hora*, segundo Sodré (1996), surge da necessidade que Vargas tem de garantir ao menos um órgão “oficioso” de base popular e que defendesse a campanha estatal de seu governo. De acordo com o autor, como Vargas não tinha condições de subornar a imprensa como um todo, garantiu a abertura de generosos créditos para a criação de um jornal de base nacionalista. Assim, *A Última Hora* caracterizou-se pelo apoio as propostas nacionalistas, que nesta conjuntura histórica eram recorrentemente defendidas pela coligação PTB e PSD, ambos os partidos criados sob a inspiração de Getúlio Vargas ao final do Estado Novo em 1945.

Acreditamos que com este breve histórico podemos avançar melhor na análise dos fragmentos. Ao selecionar o corpús de análise para o presente artigo, optamos por adotar uma ordem cronológica das reportagens, objetivando com isso demonstrar ao nosso leitor de que maneira o processo político vivenciado em Cuba a partir de 1959 foi diferentemente abordado ao longo do tempo.

O primeiro fragmento foi retirado do jornal *O Globo* e data dos primeiros dias da derrubada do ditador Fulgêncio Batista e da vitória da Revolução Cubana.

Fidel Castro o herói da Revolução Cubana, indicou ontem que o regime provisório não manterá relações diplomáticas com a União Soviética nem com as demais nações comunistas. (*O Globo* de 08/01/1959)

Caracterizado como “o herói da Revolução Cubana” Fidel assume neste momento para o enunciador e também para os leitores toda a carga mítica presente no termo herói utilizado ao longo da História. Não podemos esquecer que o herói é aquele que é justo, bom e que luta contra os inimigos, que geralmente são caracterizados como monstros. É interessante observar que este heroísmo oferecido a Fidel Castro surge no contexto de uma indicação deste de que não manterá relações diplomáticas com a União Soviética, nesse contexto diretamente associada ao comunismo.

ANÁLISE DO DISCURSO

Analisando *A Última Hora*, outro jornal que faz parte da pesquisa, percebemos, como no fragmento abaixo, uma necessidade de afirmação do distanciamento entre Fidel Castro, através do Governo Provisório de Cuba e Moscou.

Embora com todos os lampejos esquerdistas que lembrariam mais Marat que propriamente Lenine – fazendo-se as distâncias devidas do sangue hispano-americano que fez nascer um Zapata – Fidel Castro nada tem de comunista. (*Última Hora* de 03/01/1959)

No trecho analisado, é possível perceber que o enunciador-jornalista mostra-se escolhendo uma entre duas cenas históricas conhecidas. De um lado, negou a aproximação entre Fidel e Lenine (Lênin), isto é, deixou de lado a cena de luta popular contra a aristocracia pela implantação de um Estado operário. De outro, preferiu, explicitamente, compará-lo com Marat, socialista utópico, líder popular de uma luta contra o regime absolutista, cujo resultado foi a implantação de uma democracia burguesa. Observamos uma comparação entre Marat, Lenine e Fidel, onde o enunciador afirma que o último tem mais em comum com Marat, que foi um socialista utópico (romântico) lutador da Revolução Francesa, caracterizada na historiografia como Revolução Burguesa, e onde a preocupação central era a derrubada de um Estado Absolutista, do que com Lenine, este ativista do movimento operário e líder da Revolução Russa comprometida de fato com a alteração das relações de poder e com o proletariado, sendo de caráter comunista.

Os primeiros momentos do governo de Fidel Castro, foram detalhadamente acompanhados pelos dois jornais que analisamos. Nesse momento cabe ressaltar a preocupação de tais jornais em não se comprometer com o que foi dito, mas como indica o referencial da Análise do Discurso:

Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o *midium* não é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. (Maingueneau, 2002, p. 70)

Voltamos assim, à questão da suposta imparcialidade dos jornais, incansavelmente defendida por seus enunciadores. O que se legitima em trechos como o que segue é o contrato entre o jornal e seu leitor, o de fidedignidade na “transmissão” das notícias.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Fidel Castro disse hoje que Cuba não necessita dos serviços da missão militar dos Estados Unidos porque “nada que eles (os norte-americanos) ensinaram (ao exército cubano) teve valor algum”... o líder rebelde disse ainda que os poderosos não têm nada a temer do governo revolucionário. “Não vamos tirar nada de ninguém”, manifestou e insistiu, no entanto que o novo governo é favorável a um regime de justiça social, altos salários e elevado nível de vida para os trabalhadores. (*Última Hora* de 08/01/1959)

A preocupação em “tranquilizar” o mundo com relação às atitudes do governo revolucionário assume neste trecho a voz do próprio Fidel Castro, que ao se comprometer em “*não tirar nada de ninguém*” afirma, ao mesmo tempo, que o governo é favorável a um regime de justiça social. Neste trecho percebemos o emprego da conjunção adversativa “*no entanto*” que possui o sentido de oposição de ideias. Assim na declaração: “*Não vamos tirar nada de ninguém*’, manifestou e insistiu, no entanto que o novo governo é favorável a um regime de justiça social, altos salários e elevado nível de vida para os trabalhadores.” Castro assume uma posição não explícita, indicando apenas a contradição entre não tirar nada de ninguém e fazer um regime de justiça social, sendo este último o seu compromisso de fato.

Veiculadas em agosto de 1959 tanto a reportagem que acaba de ser analisada como a que se segue, apontam para uma abordagem diferenciada do governo castrista, que como apresentamos anteriormente, em seus primeiros dias foi tomado como uma salvação feita por um herói.

O Novo presidente não apareceu. Grande multidão se comprimiu em Central Park, na parte baixa de Havana, na tarde de ontem para saudar o novo presidente. O desapontamento, entretanto, foi geral pois ele não apareceu. No meio da massa notam-se metralhadoras em mãos de adeptos de Fidel Castro. (*O Globo* de 03/08/1959)

No trecho analisado observamos que, ao tratar da ausência do “novo presidente”, o que temos em destaque é uma caracterização daqueles que o esperavam, dos que tinham como anseio vê-lo. Percebemos então a amplitude do fato pelas denominações dadas aos presentes do evento como: “grande multidão” e “massa”.

É importante notar que, quando o enunciador denuncia o fato de pessoas estarem portando armas, ele faz questão de identificar que os que tinham metralhadoras nas mãos eram “adeptos de Fidel

ANÁLISE DO DISCURSO

Castro”. Ao optar por usar esta referência em detrimento de outras que caberiam aí, como já foram utilizados em outros momentos, tais como: “revolucionários”, ou “rebeldes”, a notícia assume um tom de denúncia, que se constrói no modo como é dito, sobrepondo-se ao aparente propósito de relatar a ausência do “novo presidente”.

Com o passar dos meses, os governos latino-americanos passaram a ser cada vez mais pressionados, no que tange à Relação com Cuba, e tal pressão traduziu-se em declarações enfáticas de alinhamento, como ocorre no fragmento a seguir que é constituído de trechos de uma entrevista exclusiva com o ex-presidente de Costa Rica, para *O Globo*, cujo título é: “*O Comunismo e a América Latina*”.

Nós latino-americanos, como filhos de espanhóis devemos tratar com os Estados Unidos à base da dignidade. Mas também como espanhóis a base da lealdade. Se os Estados Unidos com toda razão ou só com parte dela, estão em luta com outra grande potência mundial, nós como aliados, devemos-lhes lealdade... Como poderemos explicar a nossa luta contra as ditaduras latino-americanas, se nos unimos com os agentes das ditaduras estranhas? Como poderemos ser aliados dos Estados Unidos dentro de um justo acordo, e ser ao mesmo tempo amigos políticos dos seus inimigos bélicos?¹⁰

Este fragmento é bastante rico para a nossa análise, pois, num primeiro momento, o enunciador-presidente procura comprometer o interlocutor (neste caso, o leitor) com seu discurso utilizando o pronome nós, que o inclui, entre os latino-americanos. A partir deste momento, o enunciador lança mão dos substantivos “dignidade” e “lealdade” como elementos que deveriam caracterizar a relação entre “os latino-americanos” e os Estados Unidos.

Outro elemento interessante se expressa no fato de o enunciador-presidente não se posicionar categoricamente em relação à política externa norte-americana. Constitui duas alternativas, dando ao leitor a possibilidade de escolher entre elas. No entanto, quando enuncia “*com toda razão ou só com parte dela*” se fecha a possibilidade de existência do “não ter razão”, inviabilizando uma suposta imparcialidade do enunciador.

¹⁰ Entrevista dada pelo ex-presidente de Costa Rica, José Figueres, exclusivamente ao jornal *O Globo* de 06/10/1959, intitulada de “O Comunismo e a América Latina”.

Podemos perceber também o empenho do enunciador em desqualificar o movimento cubano de 1959, que, até então, não havia se alinhado à URSS. O entrevistado chega a questionar a legitimidade da Revolução Cubana que se contrapunha à ditadura de Fulgêncio Batista, mas que, aos seus olhos, aproximava-se de ditaduras estranhas: as ditaduras comunistas.

Com isso, o enunciador procura construir uma contradição no movimento cubano, pois, após derrotar uma ditadura interna, alinhava-se a uma ditadura externa: a ditadura comunista. É a partir desse momento que cada vez mais será cobrado dos governantes brasileiros um posicionamento em relação à questão cubana. A partir de então, manter uma ‘política externa independente’, ou ainda, não concordar plenamente com os EUA, significava, na perspectiva dos anticomunistas, apoiar e incentivar o comunismo na América Latina.

Percebemos com isso que a influência da Revolução Cubana na política brasileira foi muito significativa e, para abordar tal temática, destacamos a dissertação de mestrado defendida por Andreia de Souza Carvalho (2004), na qual a autora propõe uma reflexão acerca das representações da Revolução Cubana na imprensa brasileira.

Segundo a autora, a partir de 1959, com a Revolução Cubana, a Guerra Fria na América Latina tomou novos contornos. O inimigo não era apenas externo, ele agora era um ‘câncer’ dentro do corpo da América Latina e como tal precisava ser extirpado.

Após declarar-se adepto do marxismo-leninismo e alinhar Cuba à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1961, Fidel Castro, aos olhos da imprensa de caráter anticomunista, passou de ‘salvador’ a ‘ditador’. Ou ainda, como Carvalho destaca no título de sua dissertação, a Revolução Cubana passou de ‘salvadora’ a ‘conspiração maligna’.

Com seus líderes Fidel Castro e Che Guevara, a Revolução Cubana reacendeu o ideal revolucionário nas esquerdas latino-americanas. Desse modo, reatualizou os imaginários contrarrevolucionário e anticomunista presentes na América Latina. Cuba passava, assim, não somente a ser um problema para a hegemonia norte-americana no continente, mas também, no âmbito da política interna

ANÁLISE DO DISCURSO

brasileira, tornava-se uma preocupação a mais para a burguesia nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por trabalhar com o discurso anticomunista no Brasil selecionando os jornais como fonte de análises, nos possibilitou perceber que não basta buscar meios de compreensão do que está dito, mas é preciso entender de que lugar histórico-social os chamados meios de comunicação “falam”. Foi necessário, portanto, recorrer a uma discussão histórica acerca desse lugar e o compromisso evidenciado por ele com determinados setores sociais.

Em conjunto com este entendimento, é interessante notar que, diferente do que circula no senso comum como o papel dos meios de comunicação, isto é, um contrato entre o jornal e seu leitor de transmissão de informações, o discurso jornalístico constrói sentido.

A análise de dois jornais distintos e a compreensão do lugar histórico-social atribuído a cada um deles nos permitiu compreender o período de grandes tensionamentos sociais com a gradativa construção de um cenário de “infiltração comunista” não somente pelas forças conservadoras através do jornal *O Globo*, mas também pelas forças nacionalistas, representadas no *Última Hora*.

Em nossa hipótese, tal identificação atua na compreensão de que as Reformas de Base propostas por João Goulart, duramente acusadas de comunistas, estavam muito mais associadas a um projeto de reformismo nacionalista do que a um projeto comunista. O jornal *A Última Hora*, declarado apoiador de Goulart, em diversos momentos também se posiciona contra o comunismo, porém no âmbito nacional, ele próprio era visto pelas forças conservadoras como elemento comunista.

Retomando a ideia apresentada por Maingueneau de que a mídia não é somente um meio de transmissão do discurso, identificamos que nos diversos silenciamentos ocorridos nos dois jornais, está presente a seleção, ou ainda a construção das notícias. Este elemento se torna fundamental para nossa pesquisa, na medida em que percebemos que a “visão de mundo” presente em cada jornal pode

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ser expressa não somente nas notícias por ele publicadas, mas nas suas seleções e nos seus silenciamentos.

Afirmamos com isso que as diversas vozes que compõem o discurso jornalístico (bem como os discursos, de modo geral) situam-se nos embates sociais, seja filiando-se a uma visão social de mundo, seja contrapondo-se a ela. Concluímos, portanto, que dizer não é apenas informar, mas é necessariamente assumir um posicionamento nesses embates.

BIBLIOGRAFIA

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Unesp, 1996.

ASSIS, Denise de. *Propaganda e cinema a serviço do golpe (1962-1964)*. Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

CARVALHO, Andréa de Souza. *De revolução salvadora à conspiração maligna: Representações da revolução cubana na imprensa brasileira*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coordenação da trad. por Fabiana Komesu. Rio de Janeiro: Contexto, 2004.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Trad. Laboratório de Tradução da Faculdade de Letras da UFMG. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARIANI, Bethânia. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

ANÁLISE DO DISCURSO

MORRAY, J. P. *Origens da guerra fria: de Yalta ao desarmamento*. Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.